

SKATE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE APRENDIZAGEM COOPERATIVA E EMPODERAMENTO FEMININO

Manoela de Castro Marques Ribeiro¹

Iago Amaro de Moraes²

Breno José Mascarenhas Sá de Flor³

Luciana Venâncio⁴

RESUMO

O skate, cada vez mais, tem ultrapassado aspectos esportivistas e ocupando espaços de aprendizagem, socialização e desenvolvimento crítico/reflexivo, além de habilidades motoras e socioafetivas. Apesar de seu vasto potencial educativo, ainda são escassas as experiências de ensino dessa modalidade no contexto escolar, sobretudo quando utilizado para problematizar as relações de gênero na sociedade. Este relato de experiência propõe-se a analisar o ensino do skate para o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca das desigualdades de gênero em uma escola de educação profissional na periferia de Fortaleza, Ceará, viabilizando e potencializando os aspectos motores, socioafetivos e de inclusão. Este trabalho resultou de uma pesquisa de caráter qualitativo de caráter descritivo. A sequência didática configura-se em três aulas direcionadas para organizar recursos, promover vivência na modalidade e fomentar reflexão crítica por meio de debates sobre as características do esporte e os aspectos sociais que o atravessam. Inicialmente, realizamos o levantamento de estudantes com habilidades prévias e material necessário para o desenvolvimento das aulas. Em seguida, priorizamos por promover as habilidades motoras e familiarização com os fundamentos da modalidade, necessitando de adaptação por conta da quantidade de alunos/as, condições climáticas e espaço reduzido. A cooperação e colaboração foram protagonistas durante todo este processo. Finalmente, o debate sobre as desigualdades sociais relacionadas ao gênero e apresentação dos trabalhos pelos/as estudantes que não participaram efetivamente dos momentos anteriores, promoveram, reflexão crítica, construção coletiva do conhecimento e discussões sobre gênero, representatividade feminina, inclusão e equidade social. Identificamos, com esta unidade temática, que os/as estudantes desenvolveram bem os aspectos procedimentais do skate, demonstrando superação de medos, empatia e envolvimento com a atividade. As vivências e experiências evidenciaram a relevância das práticas corporais de aventura como espaços de aprendizagem integral, empoderamento feminino e fortalecimento de vínculos no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Skate, Gênero, Cooperação.

¹ Mestra em Educação Física da Universidade Federal do Ceará, professora da rede estadual de ensino do Ceará (SEDUC-CE), supervisora do PIBID, manolaribeiro86@hotmail.com;

² Graduando da Licenciatura em Educação Física e bolsista do PIBID, da Universidade Federal do Ceará - UFC, iagoamoraes@gmail.com;

³ Mestre em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFRN, professor da Prefeitura Municipal de Fortaleza, supervisor do PIBID, brenomascarenhas@outlook.com.br;

⁴ Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp-Presidente Prudente, professora da Universidade Federal do Ceará, coordenadora de área do PIBID, luvenancio@ufc.br.



INTRODUÇÃO

O skate, originalmente surgido como prática corporal urbana e associado a contextos de lazer e cultura de rua, tem ganhado espaços progressivos como conteúdo das aulas de Educação Física no contexto escolar. Mais do que um conjunto de habilidades motoras, como equilíbrio e coordenação, o skate carrega significados culturais que dialogam com juventude, resistência e valorização da identidade, além de fomentar a criatividade gestual. Contudo, sua prática ainda é atravessada por desigualdades, sobretudo as de gênero, nas quais meninas enfrentam barreiras simbólicas e materiais para participação, marcadas por estereótipos e estigmas que associam o skate a um universo predominantemente masculino (Silva; Pessoa, 2024).

Nesse sentido, a escola, ao incorporar o skate nas aulas de Educação Física, não apenas diversifica o currículo e aproxima-se das vivências dos/as estudantes fora do espaço escolar, mas também, cria oportunidades para questionar padrões excludentes, e assim, promove a participação equitativa entre os gêneros e valores como: respeito, cooperação e inclusão. Dessa forma, no ambiente escolar, o ensino do skate representa uma oportunidade de diversificar o currículo e fomentar o diálogo com as culturas juvenis.

Compreendendo o skate como uma prática corporal urbana carregada de significados culturais e marcada por desafios relacionados à participação de meninas e meninos, este relato de experiência tem como objetivo analisar o ensino do skate para o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca das desigualdades de gênero. A análise considera as aprendizagens prévias dos/as discentes, as condições materiais e estruturais disponíveis e as possibilidades e limitações de acesso à prática. Busca compreender de que forma a escola pode atuar na ressignificação do skate e romper com estereótipos e promover a inclusão e diversidade nas práticas corporais.

A inserção do skate no contexto escolar justifica-se pela necessidade de ampliar e diversificar os conteúdos da Educação Física, aproximando-os das práticas corporais vivenciadas pelos/as estudantes em seus cotidianos e reconhecendo sua relevância sociocultural. Apesar de seu recente reconhecimento como esporte olímpico, o skate ainda carrega marcas de marginalização e estereótipos que, historicamente, restringem seu acesso, especialmente entre as meninas. Ao propor sua vivência na escola, busca-se, não apenas





oportunizar o contato com uma prática que mobilize habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas, mas também, promover reflexões críticas sobre gênero, inclusão e direito de

aprender a respeito do skate como esporte, conforme destacado por Rocha (2023), que evidencia a importância de se considerar as dimensões de gênero no ensino do skate na Educação Física escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, voltada à análise das experiências vivenciadas pelos/as estudantes durante as aulas de skate. Desenvolvida em uma escola profissionalizante de ensino médio, em Fortaleza, no Ceará, envolvendo estudantes das turmas de terceiro ano dos seguintes cursos: administração, informática, petróleo e gás e portos. Um total de 160 estudantes participaram.

Para a análise, consideramos os relatos dos/as estudantes, observações da professora de educação física responsável pelas turmas, e registros fotográficos, com o objetivo de compreender as características que atravessam esta prática corporal, bem como as dificuldades enfrentadas, o desenvolvimento das habilidades e as questões relacionadas à participação equitativa no skate.

A sequência didática sobre o skate foi desenvolvida ao longo de três aulas, planejadas de forma a contemplar os conceitos necessários para compreender o esporte quanto aos processos de ensino-aprendizagem. Inicialmente, na primeira aula, realizamos um levantamento, entre os/as estudantes, para identificar aqueles/as que poderiam disponibilizar seus skates para uso coletivo. Dessa maneira, conseguimos reunir 12 equipamentos. Nesse momento, também foram mapeados os/as alunos/as que já possuíam habilidades na modalidade, com o intuito de envolvê-los/as como colaboradores/as nos processos de ensino, favorecendo os conhecimentos prévios e a aprendizagem cooperativa. Esta etapa inicial permitiu estruturar, de forma organizada a própria vivência, garantindo recursos e colaboração entre pares.

Na segunda aula, a sequência didática foi organizada de modo a favorecer a aprendizagem progressiva e o apoio entre os/as colegas. A turma foi dividida em grupos de cinco a seis estudantes, sempre incluindo pelo menos um/a aluno/a com vivências anteriores na modalidade responsável por auxiliar os/as demais.





Durante esta atividade, que ocorreu no gramado da escola, foi solicitado que cada estudante identificasse o pé de apoio para a remada no skate. Para isso, utilizou-se um recurso

lúdico: pedimos que imaginassem uma bola vindo em sua direção e pensassem com qual perna realizariam o chute. A perna utilizada para chutar corresponderia à de remada no skate.

Diante da definição do pé de apoio, os/as alunos/as, com o skate posicionado no gramado, praticaram subir e descer do equipamento repetidas vezes, a fim de desenvolver a noção de equilíbrio e familiarizar-se com o implemento. A escolha do gramado visou impedir o deslizamento do skate, garantindo maior estabilidade e segurança. Os/As integrantes dos grupos revezavam-se na prática até que todos/as se familiarizassem com o movimento.

No segundo momento, a mesma atividade foi transferida para um piso próximo ao gramado, que, por ser levemente irregular, permitia um pequeno deslizamento. Nesta etapa, o apoio mútuo se intensificou, com os/as estudantes auxiliando-se entre si de forma espontânea, buscando encorajar e orientar aqueles/as que apresentavam maior receio ou dificuldade. Após algumas repetições, a turma foi conduzida à quadra da escola para o terceiro momento da aula.

Na quadra, com o piso liso, exigiu dos/as alunos/as, novas estratégias de segurança. Inicialmente, dois colegas do grupo travavam as rodas do skate com os pés, permitindo que o praticante se equilibrasse sem deslocamento. Conforme o/a estudante demonstrava maior controle, liberava-se primeiramente a roda dianteira e, em seguida, a traseira, possibilitando o deslizamento.

Nesse estágio, introduziu-se a remada: o/a aluno/a, ao subir no skate, dava pequenos impulsos com o pé de apoio, aumentando gradativamente a autonomia. O revezamento dentro dos grupos possibilitou que todos/as vivenciassem a experiência de forma segura até que conseguissem realizar deslocamentos básicos no skate sem auxílio.

A terceira aula foi destinada à apresentação de trabalhos pelos/as estudantes que não participaram da vivência prática, garantindo que todos/as pudessem se engajar na temática e contribuir para a construção coletiva do conhecimento. Prática esta que é comum durante as aulas. Os/As alunos/as que não participam de forma efetiva das aulas precisam desenvolver uma apresentação sobre o tema nas aulas posteriores.

Após o encerramento da segunda aula, realizou-se um levantamento dos/as alunos/as que estiveram ausentes ou que optaram por não participar da prática presencial — embora a





maioria tenha participado. Para promover uma reflexão crítica sobre o skate, foi disponibilizado

um vídeo abordando a modalidade e suas interseccionalidades, servindo como ponto de partida para debates em sala. Durante a atividade, os/as estudantes foram incentivados a analisar diferentes aspectos da prática, relacionando-os/as com suas experiências pessoais, questões sociais e culturais, e refletindo sobre como o skate se conecta com temas como inclusão, gênero e diversidade, fortalecendo a participação coletiva e a construção de conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo das últimas décadas, a Educação Física na escola tem expandido seu papel, deixando de focar apenas no ensino técnico dos esportes tradicionais, reconhecendo a diversidade de manifestações corporais como parte fundamental da cultura corporal de movimento. Nesse sentido, práticas urbanas, como o skate, também fazem parte desse universo e podem e devem ser abordadas no ambiente escolar (Darido; Rangel, 2005).

Assim, o skate, enquanto prática corporal, carrega em sua trajetória significados que extrapolam a dimensão esportiva. Associado a movimentos juvenis urbanos, consolidou-se nas últimas décadas como fenômeno cultural e esportivo, alcançando reconhecimento olímpico. Esse percurso revela não apenas sua pluralidade de sentidos, mas também o modo como o skate reconfigura os espaços públicos, transformando-os em arenas de socialização, resistência e lazer.

Estudos como o de Alves e Rocha (2021) ressaltam que a inserção do skate na escola amplia as possibilidades de aprendizagem colaborativa, favorecendo a construção de experiências pedagógicas que dialogam com o cotidiano dos estudantes e valorizam seus repertórios culturais.

Além de ampliar o repertório de práticas corporais, a inserção de atividades de aventura, como o skate, nas aulas de Educação Física permite trabalhar habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas de forma integrada. Segundo Da Paixão (2017), ao abordar esportes





de aventura no contexto escolar, os/as professores/as podem estruturar experiências que promovem autonomia, tomada de decisão, criatividade e cooperação entre os estudantes. Dessa forma, o skate deixa de ser apenas uma prática de lazer ou esporte competitivo e passa a constituir um instrumento pedagógico capaz de articular aprendizagem, inclusão e desenvolvimento integral.

As práticas corporais, de modo geral, ainda são atravessadas por desigualdades de gênero que delimitam espaços de participação e reforçam estereótipos, e com o skate não é diferente. Historicamente associado a uma prática predominantemente masculina, o skate foi por muito tempo um ambiente de exclusão e invisibilidade para as meninas, que enfrentaram preconceitos e barreiras simbólicas para se inserirem nesse universo (Silva; Pessoa, 2024).

De acordo com Louro (2003) existe, na sociedade, uma divisão de atividades masculinas e femininas, atribuídas aos gêneros. Dessa forma, existem atividades, comportamentos, espaços e condutas diferenciadas pelo gênero. De acordo com essa perspectiva, o universo do skate é uma atividade que não “pertence” ao gênero feminino.

A inserção do skate nas aulas de Educação Física escolar apresenta uma oportunidade importante para a reflexão sobre gênero e a promoção da equidade. Estudos recentes apontam que, embora historicamente o skate tenha sido associado a práticas masculinas, a presença de meninas nesse espaço vem se fortalecendo, desafiando estereótipos e ampliando a diversidade de sujeitos participantes (Rocha, 2023).

Alves e Rocha (2021) enfatizam que a prática colaborativa do skate favorece não apenas a aprendizagem de habilidades motoras, mas também o desenvolvimento de competências sociais e afetivas, fortalecendo relações de cooperação e respeito entre todos os estudantes. Dessa forma, o ensino do skate contribui para a construção de experiências pedagógicas inclusivas, nas quais o gênero não determina o acesso às práticas corporais e a participação se dá de maneira equitativa, promovendo o empoderamento das meninas e a valorização da diversidade na escola.

A perspectiva pedagógica de Paulo Freire (1996) reforça a importância de práticas educativas que promovam autonomia, protagonismo e reflexão crítica. No contexto do ensino do skate, essas ideias se traduzem na oportunidade de os/as estudantes se engajarem ativamente no processo de aprendizagem, tomando decisões sobre seus movimentos, experimentando e construindo saberes a partir de suas vivências. Assim, o skate na escola não





apenas desenvolve habilidades motoras, mas também constitui um espaço de aprendizagem emancipatória, no qual os estudantes são sujeitos ativos de seu próprio conhecimento, dialogando com suas experiências culturais e construindo coletivamente práticas mais inclusivas e significativas.

Ribeiro (2024) destaca a importância de integrar práticas corporais de aventura, como o skate, às aulas de Educação Física no ensino médio, evidenciando seus impactos na promoção da justiça social e na inclusão dos/as estudantes. Para a autora, essas práticas vão além do

desenvolvimento motor, constituindo espaços de construção de valores, empoderamento e vivências coletivas, capazes de questionar desigualdades de gênero, classe e acesso a oportunidades esportivas. Dessa forma, a experiência prática demonstra que uma abordagem reflexiva e participativa do skate na escola potencializa aprendizagens significativas, fortalecendo a dimensão cultural, social e política da Educação Física.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação nessa unidade temática, nos permitiu perceber resultados satisfatórios nos mais diversos aspectos de aprendizagem dos/as estudante, pois todos os/as estudantes que participaram da aula conseguiram se deslocar com o skate, mesmo que, inicialmente, de forma lenta ou com apoio dos/as colegas.

Além disso, um dos elementos mais perceptíveis durante a vivência foi a cooperação e colaboração entre os/as estudantes: a ajuda mútua foi constante e desempenhou papel fundamental na superação do medo, insegurança ou ansiedade, que se mostraram presentes em grande parte dos/as participantes. Apesar da apreensão inicial, a maioria demonstrou entusiasmo, motivação e satisfação ao experimentar a modalidade. Nesse sentido, Nascimento-Cardoso, Rodrigues e Fukushima (2018) apontam que os estados emocionais desempenham papel decisivo na experiência com atividades de aventura, podendo potencializar a motivação e favorecer a superação de desafios individuais e coletivos. Assim, a vivência no contexto escolar reafirma a importância de se considerar tais dimensões subjetivas no processo educativo, já que a cooperação entre os pares, associada à vivência da emoção, amplia as possibilidades pedagógicas da Educação Física.





Durante a prática, algumas dificuldades foram identificadas. Em determinados momentos na quadra, alguns/as alunos/as mais habilidosos/as mostraram menor disposição para auxiliar os/as colegas, priorizando a própria prática, o que exigiu a intervenção da professora para garantir a colaboração entre os grupos. Percebeu-se que isso foi semelhante ao trabalho realizado por Brandl Neto (2016), que destacou a importância da mediação docente para a construção de situações cooperativas nas aulas de Educação Física, especialmente quando há discrepâncias de habilidade entre os/as estudantes. Assim, o papel do/a professor/a torna-se essencial para estimular a corresponsabilidade e a valorização do processo coletivo em detrimento da simples performance individual.

Além disso, devido ao grande número de estudantes por turma, mesmo com a divisão em grupos, foi desafiador acompanhar todos/as simultaneamente, e em algumas situações os/as alunos/as se dispersaram da atividade proposta.

Outro ponto negativo a ser relatado foi a falta inclusão de pessoas com deficiência na participação da aula, um estudante com deficiência física, não pôde participar da prática por não haver um skate adaptado, acompanhando as atividades apenas como observador. Essa limitação evidenciou a necessidade de estratégias e recursos adaptados para assegurar a participação de todos/as os/as estudantes, reforçando a importância da reflexão sobre inclusão nas práticas pedagógicas. O trabalho de Silva, Sousa-Cruz e Telles (2022), ao investigar uma escola pública de João Pessoa-PB, já apontava para a carência de interação efetiva entre educandos e educadores como obstáculo à inclusão concreta nas aulas de Educação Física.

Um aspecto relevante observado durante a prática foi a participação das meninas, que, mesmo diante do medo, mostraram grande empenho e envolvimento na atividade, corroborando Rocha (2023), que destaca a importância de oportunizar espaços que incentivem a presença feminina em práticas tradicionalmente associadas a estereótipos masculinos, fortalecendo seu protagonismo e empoderamento no contexto escolar. Em uma das turmas, composta majoritariamente por estudantes do sexo feminino, a realização da aula enfrentou um desafio adicional: devido a uma chuva intensa, não foi possível utilizar o gramado, o pátio ou mesmo a quadra, que, apesar de coberta, molha bastante.

Diante dessa limitação, a atividade foi adaptada para a própria sala de aula, solicitando aos/as estudantes que afastassem mesas e cadeiras para liberar o máximo de espaço possível. Considerando o ambiente reduzido, utilizaram-se apenas três skates e convidou-se as meninas que já possuíam experiência na modalidade para auxiliar no ensino das/os colegas. Para





garantir segurança, replicou-se a estratégia utilizada na quadra: dois estudantes travavam as rodas dianteira e traseira, enquanto outro/a oferecia apoio. Os exercícios foram realizados de três em três, permitindo que todas/os participassem. Essa adaptação dialoga com as reflexões de Darido e Rangel (2005), que destacam a necessidade de ressignificar o espaço escolar e os recursos disponíveis para garantir a realização de aulas significativas de Educação Física, mesmo diante de restrições estruturais.

Em seguida, procedeu-se à liberação gradual das rodas, primeiro a dianteira e depois a traseira, até que as/os estudantes conseguissem se deslocar com maior autonomia. Devido à limitação do espaço, foi necessário utilizar uma aula adicional na quadra, momento em que

todas/os puderam praticar com mais liberdade, já familiarizadas/os com os movimentos e o equilíbrio, tornando a experiência mais tranquila e segura. Essa organização dialoga com a reflexão de Pimentel (2008), ao destacar que as práticas de aventura envolvem necessariamente o gerenciamento dos riscos, demandando estratégias pedagógicas que possibilitem vivências seguras, mas sem perder o caráter desafiador que constitui sua essência.

Dessa forma, a atividade permitiu evidenciar o valor da colaboração, da superação do medo e da construção coletiva do conhecimento, ao mesmo tempo em que revelou desafios relacionados à organização, à participação equitativa e à inclusão, apontando caminhos para aprimorar futuras intervenções pedagógicas com o skate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática com o skate evidenciou resultados e reflexões valiosas nos âmbitos do desenvolvimento motor, aspectos sociais, afetivos e comportamentais, como cooperação, superação de medos e interação entre colegas. A prática mostrou-se assertiva na promoção de aprendizagem colaborativa, autonomia e engajamento, reforçando que a Educação Física Escolar vai além da dimensão procedimental, constituindo-se em espaço de construção social e ética.

O debate promovido na terceira aula desempenhou papel primordial neste processo, permitindo que os/as estudantes refletissem criticamente sobre suas experiências, discutissem desigualdades e interseccionalidades no skate e confrontassem suas vivências pessoais com as características que atravessam as questões sociais e culturais em nosso país. Dessa forma, a





participação coletiva evidenciou a importância da reflexão crítica como componente pedagógico da aprendizagem.

A participação das meninas destacou-se como um aspecto central da experiência, mostrando que, mesmo diante do medo, elas participaram ativamente de todo o percurso didático. Este relato escancara a importância de práticas corporais que promovam o empoderamento feminino, incentivando meninas a se sentirem capazes de participar de modalidades em que tradicionalmente não são encorajadas, fortalecendo sua autonomia, autoconfiança e protagonismo.

Apesar de desafios, como a dispersão em turmas numerosas, a menor disposição de alguns/as estudantes em colaborar e a impossibilidade de incluir um aluno cadeirante por falta

de recursos adaptados, a atividade forneceu importantes elementos para reflexão pedagógica e aprimoramento futuro, destacando a necessidade de estratégias que promovam inclusão, cooperação e justiça social.

Por fim, o skate, quando incorporado como conteúdo na Educação Física escolar, revela-se uma ferramenta pedagógica potente, capaz de articular o desenvolvimento motor, a reflexão crítica e a construção social. Além disso, contribui para o empoderamento das meninas, promovendo a equidade de gênero, e demonstra que as práticas corporais de aventura podem ser espaços de aprendizagem integral, fortalecimento de vínculos e vivências significativas no contexto escolar.

Dessa forma, o trabalho contribui para que a Educação Física Escolar proporcione espaços de democratização das práticas corporais, questionando desigualdades e valorizando a diversidade presente na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. T. O.; ROCHA, L. L. O skate na educação física escolar: possibilidades colaborativas de aprendizagem. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6399>. Acesso em: 17 ago. 2025.

BRANDL NETO, I. Situações cooperativas nas aulas de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 2, p. 11–25, 2016. DOI: 10.36453/2318-5104.2015.v13.n2.p11. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/13915>. Acesso em: 30 ago. 2025.





DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DA PAIXÃO, Jairo Antônio. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170–182, 2017. DOI: 10.5007/2175-8042.2017v29n50p170. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>. Acesso em: 18 ago. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 184 p.

NASCIMENTO-CARDOSO, A. M.; RODRIGUES, N. H. R.; FUKUSHIMA, R. L. M. Estados emocionais e atividades de aventura: aspectos motivacionais envolvidos. In: X Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. E IV Congresso Internacional de Atividades de Aventura, 2018, Diamantina, MG. **Anais eletrônicos**. Diamantina. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC1>. Acesso em: 16 abr. 2024.

PIMENTEL, G. G. Ritos e risco na prática do vôo livre. **Movimento**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 13–32, 2008. DOI: 10.22456/1982-8918.6808. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/6808>. Acesso em: 30 ago. 2025.

RIBEIRO, M. C. M. **Práticas Corporais de Aventura no Ensino Médio**: implicações à justiça social nas aulas de educação física. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77381>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ROCHA, L. L. **"Respeita as minas"**: o ensino do skate na educação física escolar. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza- CE, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74455>. Acesso em: 02 ago. 2025.

SILVA, C. I. A.; PESSOA, V. L. F. Relações entre skate, gênero e espaços públicos de lazer em Belo Horizonte. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.54926>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/54926/46018>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, P.; SOUSA-CRUZ, L.; TELLES, T. B. Inclusão na Educação Física escolar: possibilidades e limitações em uma escola pública de João Pessoa. **Diálogos em Saúde**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 100-116, 2022. DOI: <https://doi.org/10.56238/dialogosemsaude2022-443>.





Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/dialogosemsaude/article/view/443>. Acesso em: 30 ago. 2025.

